

UMA TRAVESSIA DA CAATINGA, SEGUINDO OS PASSOS DE SPIX/MARTIUS E DE EUCLIDES DA CUNHA

Willi Bolle (Universidade de São Paulo)¹

Resumo: É o relato de uma caminhada coletiva, de Uauá a Canudos Velho, realizada em março de 2018. Antes de Uauá, fomos conhecer dois lugares visitados em 1819 pelos viajantes naturalistas alemães Spix e Martius: a cidade de Monte Santo e o local da queda do meteorito de Bendegó. A caminhada começou na pequena cidade de Uauá, onde ocorreu em 1896 a derrota da Primeira Expedição militar contra os seguidores de Antônio Conselheiro, que tinha refundado a comunidade de Canudos. Durante a travessia da caatinga tivemos uma visão concreta desse bioma e das condições de vida dos habitantes locais. No ponto de chegada fomos conhecer o cenário da guerra de 1896/97. Concluimos com um resumo e um balanço da campanha de Canudos.

Palavras-chave: caatinga; Monte Santo; Canudos; Spix e Martius; Euclides da Cunha

Apresento aqui o relato da experiência de uma caminhada coletiva pela caatinga no norte do estado da Bahia, de Uauá a Canudos Velho, realizada em março de 2018. Três foram os meus motivos para participar dessa “Caminhada dos Umbuzeiros”, criada em 2015 por um grupo de artistas da cidade de Uauá e, desde então, retomada anualmente: 1) Conhecer, no caminho para Uauá, a cidade de Monte Santo e o local da queda do Meteorito de Bendegó – lugares visitados, 200 anos atrás, pelos viajantes naturalistas alemães Spix e Martius. 2) Conhecer os cenários da Guerra de Canudos (1896/97), que começou com a derrota da Primeira Expedição militar em Uauá, em novembro de 1896, e terminou com a destruição total da cidade de Canudos pela Quarta Expedição militar, em outubro de 1897. 3) Conhecer *in loco* o bioma da Caatinga e as condições atuais de vida dos sertanejos. Nesta viagem fui acompanhado por Eckhard Kupfer, diretor do Instituto Martius-Staden (São Paulo), com quem estou refazendo, entre 2017 e 2020, os principais trechos do percurso de Spix e Martius, por ocasião do bicentenário de sua expedição pelo Brasil.

Monte Santo e o riacho de Bendegó

O relato *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*, de Spix e Martius, é o livro mais importante em língua alemã sobre o Brasil. Eles foram os primeiros cientistas viajantes que realizaram uma travessia integral dos sertões, isto é, do cerrado e da caatinga, ao longo de um ano inteiro (julho de 1818 a junho de 1819). Dessa expedição, na qual eles atravessaram o norte de Minas Gerais até a fronteira com Goiás, o estado da Bahia, uma

¹ Professor titular de Literatura Alemã na USP. Contato: willibolle@yahoo.com.

parte de Pernambuco e o Piauí, até São Luiz do Maranhão, vamos focalizar a parte que trata de sua “Viagem, através do Sertão da Bahia, até Juazeiro, às margens do São Francisco”.² Os dois naturalistas saíram da cidade de Salvador em 18 de fevereiro e, viajando a cavalo pela Estrada Real do Gado, por onde costumavam ser tocadas as boiadas do Piauí, chegaram em Juazeiro no dia 30 de março de 1819. O interesse especial do seu relato consiste numa detalhada descrição do bioma da Caatinga, da passagem por Monte Santo e do meteorito de Bendegó, que eles foram examinar no local onde caiu em 1874.

Partindo igualmente da cidade de Salvador, E. Kupfer e eu refizemos de carro a maior parte do percurso dos dois naturalistas, por coincidência também no mês de março. Passamos pelas pequenas cidades de Serrinha, Queimadas e Cansanção, até chegar em Monte Santo. Esse trajeto de cerca de 400 km nos proporcionou uma iniciação à paisagem da caatinga, em cuja vegetação predominam os cactos. Pudemos confirmar a descrição dessa região como sendo pouco apropriada para a agricultura e aproveitada sobretudo para a criação de algum gado. A falta de chuvas, a seca prolongada e seus efeitos foram especialmente fortes no ano em que Spix e Martius realizaram a sua travessia. Eles passaram por arraiais abandonados por quase todos os habitantes, por causa da falta de água. No meio da caatinga, encontraram, reunidas em torno de uma fonte, mais de 30 pessoas e presenciaram uma disputa pela água. Estiveram ali também alguns homens armados com fuzis, os quais se dirigiam aos viajantes com estas palavras: “-- A água aqui é só para nós, e não para ingleses vagabundos!”

Depois de terem presenciado, ao longo do caminho, muita pobreza e miséria da população sertaneja, Spix e Martius chegaram, em meados de março, no arraial de Monte Santo. Como eles relatam, esse povoado deveu o seu desenvolvimento particularmente a um capuchino italiano, Frei Apolônio de Todi,³ que chegou ali em 1775 e organizou, na encosta do monte, a construção de uma Via Sacra, que termina no ponto mais alto com a Capela de Santa Cruz. Com isso, o antigo arraial transformou-se num importante lugar de romaria. Desde aquela época, Monte Santo é visitada todos os anos, por ocasião das principais festas religiosas, por um grande número de peregrinos, vindos de todas as partes do Brasil. Assim como Spix e Martius, subimos pela Via Sacra com suas diversas

² Cf. Spix e Martius (2017), pp. 277-309.

³ A figura do *Frei Apolônio* tornou-se o personagem-título do romance homônimo escrito por Martius em 1831, mas que foi publicado somente 161 anos depois, em 1992. Nessa obra de ficção, o autor tomou a liberdade de deslocar os lugares do enredo para a Amazônia.

capelinhas, desfrutando depois de um amplo panorama, do alto do Monte Santo. Avistamos o vale do riacho de Bendegó e as diversas serras no entorno de Canudos. Retornaremos mais tarde a este ponto panorâmico, quando vamos falar da guerra de 1896/97.

Depois de termos visitado o Museu de Monte Santo, com suas várias referências à figura de Antônio Conselheiro e também ao meteorito de Bendegó, contratamos um guia para nos levar até o riacho, a uns trinta quilômetros ao norte de Monte Santo, onde foi encontrado, em 1784, o meteorito que recebeu o nome de Bendegó, e era, naquela época, o segundo maior meteorito do mundo. Ele mede 2,15 metros de comprimento e pesa 5.360 quilogramas, contém 92% de ferro e 6% de níquel. Em 1888, foi transportado até o Rio de Janeiro, onde está exposto no Museu Nacional; ou melhor: estava exposto, pois o Museu foi quase totalmente destruído por um incêndio em 02 de setembro de 2018.⁴

Uma caminhada coletiva, de Uauá a Canudos Velho

Do vale do Bendegó seguimos até a cidade de Uauá, onde encontramos, no Espaço Cultural Toque de Zabumba, o grupo de artistas que organiza anualmente a Caminhada dos Umbuzeiros. Fomos conhecer a Cooperativa de Uauá, onde são processadas as frutas da região, especialmente o umbu. O umbuzeiro já foi descrito detalhadamente por Martius desta forma: “Suas raízes, horizontalmente espalhadas, quase à flor da terra, intumescem-se em tubérculos nodosos do tamanho de um punho ou até de uma cabeça de criança e, ocos no interior, estão cheios de água”.

Depois dos preparativos iniciamos, no final do dia, a nossa caminhada em direção a Canudos. O nosso guia foi o poeta Basílio Gomes, conhecido como BGG da Mata Virgem, com um bastão na mão e vestido à maneira do Antônio Conselheiro, em cuja memória costuma ser realizada a caminhada. Os organizadores colocaram à disposição do nosso grupo de cinquenta caminhantes um perfeito serviço de infraestrutura: transporte da bagagem numa caminhonete, abastecimento com água e comida, e atendimento de saúde. Por causa de uma chuva que caiu durante a tarde do primeiro dia, a nossa caminhada começou apenas no entardecer. Logo depois de sair de Uauá – o nome dessa cidade é indígena e significa “Vagalume” – já entramos na caatinga, com sua vegetação de cactos, dentre os quais destacam-se os xique-xiques. Por volta das oito horas e meia

⁴ Poucos dias depois, foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo* uma caricatura, mostrando um desenho do meteorito com esta fala: “Por favor, me mandem para outro planeta!”

da noite, após uma caminhada de uns 10 km, chegamos na nossa primeira parada, na casa do sertanejo seu Roque, em torno da qual armamos as nossas barracas. Depois do jantar, trocamos informações sobre a caatinga.

O bioma Caatinga abrange quase 10% do território do Brasil, ocupando uma área de 800.000 km², sendo constituída principalmente por savana estépica. Tem longos períodos de seca, que duram em média oito meses. A caatinga ocupa a totalidade do estado do Ceará, e parte dos territórios de Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e Bahia.

O bioma vizinho, o Cerrado, abrange uma área de 2 milhões de km², correspondendo a 24% do território nacional e é constituído principalmente por savanas com árvores baixas e retorcidas. É o mais antigo bioma brasileiro e o grande reservatório de água do Brasil. 70% de sua biomassa está dentro da terra, e por isso se diz que é uma floresta de cabeça para baixo. A partir da década de 1970, o Cerrado sofreu grande devastação; por causa do avanço da fronteira agrícola (gado, soja e milho), 46% de sua vegetação natural já foi destruída. Isso afeta seriamente a biodiversidade e representa um grave problema para o abastecimento hídrico do país.⁵

No segundo dia, caminhamos da casa de seu Roque, durante uns 23 km, até o rio Vaza-Barris, cujo leito estava seco e em cuja margem armamos no fim da tarde as nossas barracas. Conhecemos, então, mais detalhadamente as principais plantas da caatinga: catingueira, favela, cansanção, macambira, mandacaru, cabeça-de-frade e xique-xique. E também os umbuzeiros, com suas frutas refrescantes. Passamos por várias casas de moradores, com os quais tivemos algumas breves conversas. As casas são abastecidas com água e, desde recentemente, também com luz elétrica. A mais importante fonte de renda dos moradores é a criação de caprinos e bovinos. Junto a algumas casas cultivam-se os cactos-da-Índia como alimento do gado.

No terceiro dia, prosseguimos a caminhada, durante mais 29 km, até a vila de Canudos Velho. Durante a manhã, beiramos o rio Vaza-Barris pela margem norte; depois de cruzar um afluente, o rio Priumã, passamos para a margem sul do Vaza-Barris. Passamos novamente por várias casas de sertanejos e por grupos de cabras e bois, que pastavam perto da sombra de árvores e de poças de água. A nossa travessia entre os

⁵ Cf. Marcelo Leite, “INPE lança sistema público para vigiar destruição do cerrado em tempo real”, *Folha de S. Paulo*, 28/09/2018, p. B 5.

flancos da Serra do Caipã nos deu uma ideia da sensação experimentada pelos soldados da 2ª Expedição contra Canudos, quando sofreram emboscadas por parte dos guerreiros que defendiam Antônio Conselheiro. Depois dessa travessia, já avistamos no horizonte os morros e as serras ao lado da cidade histórica de Canudos. Atingimos a BR-116, que cruzamos, para chegar à vila de Canudos Velho.

Quanto a Canudos, é preciso distinguir três localidades com esse nome: 1) A Canudos histórica, um arraial que já existia antes da chegada de Antônio Conselheiro, e que foi ampliado então em grande escala e se tornou o alvo dos ataques do Exército brasileiro durante a campanha de 1896/97. Depois de sua total destruição, em 1897, a Canudos histórica foi completamente submersa pelo açude de Cocorobó, criado durante os anos 1960 com o represamento do rio Vaza-Barris. 2) A segunda Canudos, chamada de Canudos Velho, que foi construída a partir de 1910 pelos sertanejos que tinham se retirado para o interior da região, antes do ataque final do Exército à Canudos histórica. Uma parte de Canudos Velho foi igualmente inundada pelo açude, em 1969. Sobressaem-se das águas apenas as ruínas da Igreja de Santo Antônio. 3) A Nova Canudos, que foi construída a partir do final dos anos 1960, perto da barragem do açude.

Depois de nossa chegada ao arraial de Canudos Velho, descemos mais um quilômetro, até a beira do açude, de onde emergem as ruínas da Igreja de Santo Antônio. Nesse local, o historiador Roberto Dantas, que também participou da caminhada, nos fez um resumo da Guerra de Canudos. Do outro lado do açude, avista-se o Alto da Favela, que foi o principal ponto estratégico na fase final da guerra.

Um retrospecto sobre a guerra de Canudos (1896/97)

No dia depois da caminhada, fomos até o lado oposto da represa para visitar o Parque Estadual de Canudos, onde se encontram alguns dos principais lugares da luta entre os conselheiristas e os soldados do governo, especialmente o Alto da Favela. Com base no livro *Os Sertões* (1902), de Euclides de Cunha, e em trabalhos de estudiosos como Walnice Galvão (*O Império do Belo Monte*, 2001) e Roberto Dantas (*Canudos: novas trilhas*, 2011), passamos a apresentar aqui um breve resumo da Campanha de Canudos.

Com a chegada, em 1893, do líder religioso Antônio Conselheiro a Canudos, esse arraial às margens do rio Vaza-Barris passou a crescer vertiginosamente. Com suas prédicas e obras em prol dos sertanejos pobres, ele atraiu milhares de seguidores, que

acreditavam numa melhoria milagrosa de suas condições de vida. Rebatizado de Belo Monte, Canudos teve a sua população aumentada para 25.000 habitantes.

Quais foram as causas da guerra do Exército brasileiro contra os seguidores de Antônio Conselheiro? A crescente migração de mão-de-obra para Canudos deixou ressentidos os grandes proprietários. Quanto ao clero, este sentiu-se eclipsado em comparação com aquele pregador carismático, que se dedicou integralmente à causa dos pobres. Em consequência disso, a oligarquia e a Igreja exigiram do governo da recém-instaurada República medidas contra o Conselheiro e seus seguidores. Estes recusaram a cobrança de impostos, que foi efetuada de forma violenta pelo novo governo. Na imprensa construiu-se a imagem do Conselheiro atuando a serviço de potências estrangeiras, querendo restaurar a monarquia no Brasil.

A primeira expedição militar contra Canudos aconteceu no final de 1896. O Conselheiro havia encomendado e pago em Juazeiro uma remessa de madeira, destinada à construção da igreja nova em Canudos; porém, essa encomenda não foi entregue. Com base em boatos de que os conselheiristas viriam buscar a madeira à força, o governo da Bahia enviou em novembro de 1896 um batalhão de infantaria, com três oficiais e 104 soldados, sob o comando do tenente Pires Ferreira, em direção a Canudos. Em Uauá, essa tropa foi surpreendida pelos conselheiristas, que vinham num misto de procissão religiosa e força de combate. O confronto armado terminou com 150 mortos entre os conselheiristas e, comparativamente, apenas 10 mortos entre os soldados. No entanto, por falta de força e de coragem de seus homens para atacar Canudos, Pires Ferreira decidiu retornar com o seu batalhão para Juazeiro. Com isso, a vitória numérica da tropa transformou-se em derrota.

Colocando-nos novamente no alto do Monte Santo e tomando em mãos o mapa do cenário da guerra, que acompanha o livro de Euclides da Cunha, pudemos ter uma visão mais concreta dos rumos das duas expedições seguintes. Olhando em direção ao noroeste, avistam-se o vale do riacho do Bendegó e a Serra do Cambaio. Por uma estrada nessa direção avançou, em janeiro de 1897, a segunda expedição, sob o comando do major Febrônio de Brito. Os soldados continuaram o seu caminho pelos “píncaros torreantes” e “os contornos agitados da Serra do Caipã” – da qual, nós, caminhantes de 2018, conhecemos uma amostra. Em consequência das emboscadas e das graves perdas que a

tropa sofreu naquela serra e nos territórios adjacentes, o comandante resolveu dar ordem para a retirada. Com isso, configurou-se a segunda derrota da Exército.

Olhando agora do alto do Monte Santo em direção ao nordeste, avistamos no horizonte as serras do Arati e do Cocorobó. Contornando a Serra do Arati pelo lado leste e passando pelas caatingas adjacentes, avançou, em março de 1897, a terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César. Passando em seguida pelo local do Rosário, os soldados chegaram até Canudos e resolveram atacar o arraial, que tinha um número de habitantes equivalente a uma cidade. Nessa investida, como relata detalhadamente Euclides da Cunha, os soldados fracassaram no labirinto dessa “*urbs* monstruosa”. Com esse insucesso e a morte do seu comandante, estava selada a terceira derrota do Exército.

Em abril de 1897, o ministro da Guerra, marechal Bittencourt, preparou uma quarta expedição, que devia ser definitiva e tinha uma novidade estratégica: o avanço foi feito por meio de duas colunas, vindo de direções diferentes. A primeira coluna, comandada pelo general Arthur Oscar, com 3.000 soldados e um canhão Whitworth 32 (“a Matadeira”, como foi chamado pelos habitantes de Canudos), avançou, em junho de 1897, pela mesma estrada do Rosário, via Caldeirão e Juetê. Ela chegou muito perto de Canudos, mas ficou aprisionada pelos conselheiristas num dos vales. A primeira coluna foi salva, contudo, pela chegada da segunda coluna, que partiu de Aracaju, com 2.350 soldados, sob o as ordens do general Savaget, avançando via Jeremoabo. Na passagem pela Serra de Cocorobó, os soldados sofreram um ataque de emboscada por parte dos conselheiristas, como já tinha acontecido em vários episódios anteriores da guerra. Desta vez, porém, houve uma mudança de tática por parte do Exército. O comandante Savaget mandou os seus soldados realizarem um ataque frontal contra os conselheiristas emboscados, e assim o Exército conseguiu romper o bloqueio. Com isso, a segunda coluna avançou até o Alto da Favela e conseguiu liberar a primeira coluna que estava sob assédio.

Com essa concentração dos soldados no ponto estratégico a partir de onde se controla Canudos, só faltava resolver o problema logístico do abastecimento dessa tropa numerosa. Em agosto, o Marechal Bittencourt organizou o envio de comboios regulares de abastecimento, que partiram de Monte Santo até o Morro da Favela, via a estrada do Calumbi. Com isso, o Exército conseguiu fechar em setembro – no mesmo mês em que faleceu Antônio Conselheiro – o seu cerco ao redor de Canudos. A cidade foi atacada

então com artilharia pesada, bombas de dinamite e pelos soldados. Em 5 de outubro de 1897 foram mortos os últimos quatro defensores. Canudos, que já tinha sido incendiada em vários pontos, acabou sendo completamente destruída. Os prisioneiros – homens, mulheres e crianças – foram degolados pelos soldados. No seu retrospecto sobre a guerra, Euclides da Cunha faz este balanço: “Aquela campanha foi – na significação integral da palavra – um crime”.

O que significa Canudos hoje?

Concluimos esta apresentação com a pergunta: O que significa Canudos hoje? Com a palavra “favela”, nome de uma planta local espinhosa, com que foi designado o Alto da Favela, a história de Canudos projetou-se em âmbito global. Quando os soldados, depois da campanha de 1897, retornaram ao Rio de Janeiro, eles não tinham outra opção de moradia a não ser instalar-se em barracos que construíram no morro da Providência, que passaram a chamar de Morro da Favela. Como as autoridades públicas nunca se empenharam em melhorar as condições de vida dos moradores desse e de outros bairros precários, as chamadas *favelas* cresceram em grande escala. Em função do comércio de drogas, que procurou novos caminhos de distribuição via Brasil, construiu-se a partir dos anos 1980 uma sociedade criminosa paralela, que o Estado não consegue mais controlar.

No Brasil, quase 12 milhões de pessoas moram atualmente em favelas. O geógrafo e historiador Mike Davis descreve a nossa Terra como *Planet of Slums / Planeta Favela* (2006). Como ele informa, o aumento atual da população nas favelas do mundo inteiro é da ordem de 25 milhões de pessoas por ano.

Referências

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora; Edições SESC, 2016.

DANTAS, Roberto Nunes. *Canudos: novas trilhas*. Salvador: Editora e Gráfica Santa Bárbara, 2011.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Tradução: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte: Vida e morte em Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramos, 2001.

LEITE, Marcelo. INPE lança sistema público para vigiar destruição do cerrado em tempo real, *Folha de S. Paulo*, 28/09/2018, p. B 5.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Frei Apolônio: um romance do Brasil*. Tradução: Erwin Theodor. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

SPIX, F. Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3 vols. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Edições do Senado Federal, 2017.